

# Um olhar estrangeiro sobre a obra de Oscar Niemeyer

Documentário de cineasta belga será exibido no CCBB

Arquivo

Jaime Biaggio

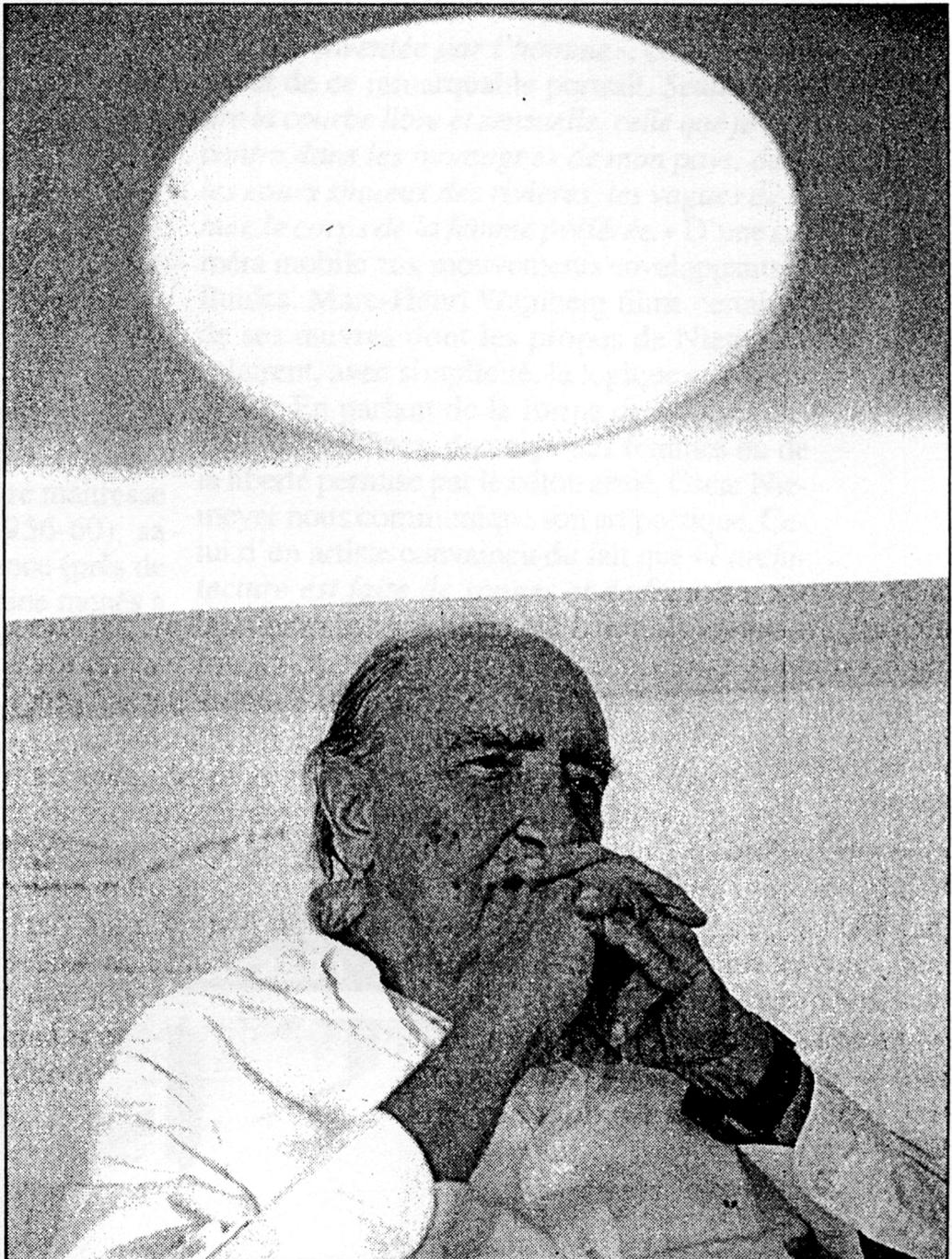
**N**ão se pode dizer que a proposta do cineasta belga Marc-Henri Wajnberg tenha sido modesta: explorar as relações entre um homem, seus ideais e a História de um país, tudo isso em um documentário de 60 minutos. Mas o objeto de estudo sustenta a ambição: "Oscar Niemeyer — Um arquiteto engajado em seu século", que terá sessões abertas ao público no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) na próxima terça-feira, dia 19, é um mergulho na obra, nos conceitos estéticos e nos preceitos morais do arquiteto, que hoje completa 93 anos. As sessões, às 18h e às 20h, terão entrada franca.

Wajnberg, mentor do filme e co-diretor e roteirista (em parceria com Rogier Van Eck), teve a idéia de estudar a obra e a pessoa de Niemeyer pouco depois de concluir outro documentário, sobre o fotógrafo russo Evgueni Khaldei, autor de imagens marcantes do fim da Segunda Guerra como a bandeira soviética tremulando no Reichstag.

## Gilberto Gil define a obra de Niemeyer na tela por mímica

— Aquele documentário fora norteador pela mesma idéia-base, o homem, o ideal e a História de um país — diz Wajnberg, em entrevista por telefone, de Bruxelas. — Eu conhecia Niemeyer por suas posições políticas e por sua obra, mas não o conhecia pessoalmente.

Em janeiro de 1999, quando veio ao Brasil selecionar as locações para o documentário, Wajnberg finalmente conheceu Niemeyer e a impressão deixada foi tão forte que mudou a feição do filme.



OSCAR NIEMEYER: o carisma do arquiteto lhe deu mais tempo na tela

— O filme acabou girando mais em torno dele do que eu havia planejado — admite o diretor. — Acabei não usando muitos depoimentos, como o de Paulo Coelho.

Ficaram no documentário (que não tem narrador), entretanto, os testemunhos de Ferreira Gullar, da historiadora e socióloga Maria Alice Rezende, de Chico Buarque e de Gilberto Gil, que, numa das passagens mais curiosas do filme, define a obra de Niemeyer por meio de música e mímica.

— Foi magnífico, um presente de um artista para outro — entusiasma-se Wajnberg. — E

foi tudo improvisação. É verdade que eu solicitara a ele que fizesse algo nesse sentido. Mas Gil levou um segundo para começar a improvisar. Foi sem instrumento algum, só sons e gestos.

Por razões óbvias, o filme dedica muito espaço a Brasília, que Wajnberg defende das críticas mais constantes, que chamam a cidade de fria e desumana.

— A arquitetura monumental nunca é calorosa. Brasília não é um sucesso total, mas essa frieza só existe ali na área central. Quando você visita as quadras, sente a vida nelas. ■